

FORMA SOCIAL/ FORMA LITERÁRIA: A POLÍTICA DO FAVOR NA MODERNIDADE BRASILEIRA

Belmira Magalhães

Para desenvolver o tema proposto a partir de uma leitura de *Angústia*, de Graciliano Ramos, precisamos optar por um dos vários caminhos que a obra nos oferece. No primeiro momento, enfatizaremos o lugar teórico-ideológico do qual partiremos, que a nosso ver coincide com o lugar do qual parte o escritor para refletir sobre a realidade. Na verdade, estamos seguindo a compreensão de Raymond Williams (1979) sobre a noção de ponto de vista autoral, que necessariamente não se limita à definição de que a teoria da literatura de perspectiva formalista se utiliza:

As descrições de grandes casas, de paisagens rurais, de cidades ou de fábricas são exemplos evidentes dessas convenções variáveis, onde 'o ponto de vista' pode ser considerado como uma escolha 'estética', mas onde qualquer ponto de vista, inclusive aquele que inclui pessoas ou as transforma em paisagem, é social (WILLIAMS, 1979: 176).

A busca da crítica é atingir esse ponto de confluência entre a intenção e a reação expressa na obra. Nesse sentido, para analisar *Angústia*, faz-se necessário frisar alguns aspectos da realidade brasileira que configuravam contraditoriamente a sociedade nos anos trinta do século passado. Tínhamos uma economia agrária que se industrializava, mas que não havia conseguido romper com a dominação rural, pois dependia do capital gerado por essa atividade. Paralelamente, existia a necessidade de obter capitais internacionais para a implementação do parque industrial, criando também uma dependência do capital externo.

No campo social, estávamos distantes apenas cerca de trinta anos do fim da escravidão, o que mantinha todas as marcas ideológicas desse regime imbricadas fortemente nas relações sociais, tendo como consequência uma visão depreciativa da pobreza e do trabalho.

Durante os períodos colonial e imperial, tivemos uma divisão de classe profundamente segregadora que combinava lógica capitalista com exploração pré-capitalista dos trabalhadores. Gostaríamos de enfatizar que desde os primórdios da nossa colonização fomos submetidos à lógica do capital internacional, que se utilizou das colônias conforme seu interesse. Resumida-

mente, podemos dizer que primeiro para acumular capital (acumulação primitiva)¹, depois para manter a classe dominante de um país que se estagnava economicamente e, finalmente, tornando o Brasil consumidor dos bens produzidos pelo capitalismo avançado.

Estudos sobre o desenvolvimento do capitalismo europeu têm demonstrado que o surgimento das camadas médias da população se deve ao rompimento das relações feudais e ao desenvolvimento industrial que proporcionou a complexificação de ocupações. Paralelamente, o aparato estatal necessário à entificação do capital possibilitou o crescimento dessas camadas, reordenando a estratificação social.

No Brasil, a escravidão e o latifúndio foram responsáveis pela manutenção da pouca diversidade de ocupações, já que os escravos produziam seu parco consumo e os senhores rurais importavam a maioria do que consumiam. Também é importante ressaltar que Portugal, diferentemente, por exemplo, da Espanha, sempre tratou sua maior colônia como lugar que deveria ser apenas explorado, não havendo uma política de formar um “novo Portugal”². Só com a chegada da família real este cenário se modifica, embora sempre com crítica da corte portuguesa. Este tipo de política fez com que uma parcela da população, que não era escrava e também não pertencia à classe dominante, tivesse que se submeter diretamente aos “benefícios” desta classe para sobreviver.

Schwarz (1990) demonstrou como Machado de Assis refletiu sobre essa realidade, através de personagens como José Dias, em *Dom Casmurro* e Dona Plácida, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, criando o conceito de **política-do-favor**, que explicita as relações interdependentes de favorecimento atrelando os dominados diretamente aos dominantes, acentuando um tipo de dominação que se baseia em ausência de racionalidade capitalista, que propugna relações impessoais, baseadas nas reais necessidades de andamento da lógica capitalista.³

A referência européia e moderna leva a gente de bem a torcer o nariz ante a indolência popular, ao passo que o embasamento servil da economia permite, sempre que oportuno, desconsiderar o serviço prestado pelas pessoas pobres. A situação destas define-se completamente, e o que é margem de escolha para os ricos – dois pesos e duas medidas –, para o indivíduo sem posse é falta de garantia. Não tendo propriedade, e estando o principal da produção econômica a cargo do escravo, os homens pobres pisam terreno escorregadio: se não trabalham, são desclassificados, e se trabalham, só por muito favor serão pagos ou reconhecidos (SCHWARZ, 1990: 99).

Como já foi mencionado, exemplos desse comportamento são as personagens José Dias, que passa toda a narrativa agradando à mãe de Bentinho e ao próprio rapaz, desenvolvendo uma retórica que não lhe deixe perder o reconhecimento dos patrões, sendo obrigado a ficar sempre atento para ver de onde está vindo o poder, e Dona Plácida, que concorda com o adultério para ter uma vida melhor e é abandonada quando o caso se rompe.

Com o advento do Império e, principalmente, no período do Segundo Reinado, o papel do Estado cresce e se complexificam suas funções. No entanto, o preenchimento dos cargos obedece à lógica do apadrinhamento, isto é, é necessária a indicação de pessoas de prestígio, sempre ligadas à classe dominante, para se conseguir ocupar uma vaga. Cria-se uma rede de influência que se baseia em uma espécie de “corrupção admitida”, o favor, em que aquele que é agraciado com um cargo vê-se sempre na obrigação de não discordar de seus protetores.

Graciliano relata o percurso de Luís da Silva, filho de um pequeno produtor, que sai do campo, onde tinha uma vida razoável, consegue estudar, e perde tudo. Seguem-se então andanças pelas fazendas e pelas pequenas cidades, ensinando, até chegar a Maceió onde espera encontrar uma “colocação”:

Recebia, com um sorriso, o níquel e o gesto de desprezo. O frege-moscas fedia a vinho podre, e o galego, de tamancos, coberto de nódoas, era asqueroso. Mais tarde, já aqui em Maceió, gastando sola pelas repartições, indignidades, curvaturas, mentiras, na caça ao pistolão (RAMOS, 2004: 32).

No campo as relações também são desse tipo, com a figura do coronel no centro de todas as relações de poder, garantindo o voto dos deputados, que garantem o do presidente e, em troca, beneficia os poderes locais⁴. Há uma corrente de mão dupla que mantém as transações do compadrio, inclusive com a participação do cangaço.

Como sou diferente do meu avô! Um dia um cabra de Cabo Petro apareceu na fazenda com uma carta do chefe. [...] Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva soletrou o papel que o homem lhe deu e mandou Amaro laçar uma novilha. [...] no Natal meu avô foi à vila, com a mulher, e encontrou no caminho o grupo de Cabo Petro que se meteu na capueira para não assustar a dona [...] meu avô fez um gesto de agradecimento aos angicos e mandacar us que marginavam a estrada (RAMOS, 2004: 32-3).

O poder político da classe média, que era nenhum durante a Colônia e o Império⁵, com o advento da República cresce um pouco, principalmente o de grupos corporativos como o Exército; no entanto, o fato da proibição

de voto aos analfabetos reduzia a oportunidade de grande parcela da população de participar ativamente da política.

Grande número desses indivíduos vê no Estado a única opção de uma vida mais confortável, com uma certa segurança; no entanto, como vimos, a única forma de consegui-la é através do favor.

- Se fosse possível arranjar um emprego para Marina...
Acendi um cigarro, pus-me a contar os paralelepípedos, sem me animar a desiludir a vizinha.
- Dê uma penada por ela.
Coitado de mim.
- Difícil. É preciso pistolão.
- Eu sei, disse d. A délia. Foi por isso que me lembrei do senhor, que é bem relacionado. Só conhecemos o senhor (RAMOS, 2004: 63).

Pelo fato de trabalhar numa repartição pública, aparece para os vizinhos como diferenciado e com capacidade para arranjar trabalho para os outros, já que também precisou de um pistolão para conseguir o emprego que ocupa. Fica bem evidenciado, nas páginas de *Angústia*, que para essa parcela da população não há saída sem a proteção de alguém que esteja sempre cobrando a ajuda oferecida. Não aparece, por parte dos personagens, crítica a essa rede de relações, como se fizesse parte da natureza das relações políticas, e na verdade foi dessa forma, historicamente, que se estabeleceram as relações de poder, tanto no campo como na cidade⁶.

O que estamos enfatizando é a grande dificuldade que essa camada social enfrenta na tentativa de não se deslocar para uma posição inferior na pirâmide social, já que a linha que a separa do proletariado é muito tênue. A consequência direta dessa situação concreta de classe tem sido um comportamento ideológico conservador, que luta pela manutenção das coisas como estão, pois embora o desejo seja o de tornar-se um dominante, os olhos estão sempre direcionados para os ricos, como veremos na relação entre Luís da Silva e Julião Tavares.

Marx (1974) faz referência à classe média, situando o lugar de ambivalência que essa camada assumiu na sociedade e principalmente na participação política.

Uma classe de transição, na qual os interesses de duas classes perdem simultaneamente suas arestas, imaginam estar acima dos antagonismos de classe em geral (MARX, 1974: 51).

Mantendo-se as ressalvas necessárias na comparação entre realidades específicas, podemos trazer esse conceito para a sociabilidade brasileira dos anos trinta do século passado. Em *Angústia*, Graciliano representa a pequena-pequeno-burguesa num país subdesenvolvido, de história colonial. Luís da Silva vem do campo, de família respeitada – “Mas a verdade é que o pessoal da nossa casa sofria pouco” – que perde tudo, segundo o narrador, pela preguiça do pai: “Era lá que devia estacionar uma parte de meu pai, curando uns restos de pecado. Leves pecados. Apenas muita preguiça. Por isso eu agüentava fome e ouvia as lamentações de Quitéria” (p.26). Devido à infância com recursos, adquiriu ferramentas que lhe serão muito úteis: pode estudar, ler bons livros, por isso, através do conhecimento, consegue sobreviver, arranjar emprego público e uma colocação em um jornal, além de fazer traduções e textos para os outros:

Trinta e cinco anos, funcionário público, homem de ocupações marcadas pelo regulamento [...] Trabalho num jornal. À noite dou um salto por lá, escrevo umas linhas. Os chefes políticos do interior brigam demais, explicam os acontecimentos locais, e faço diatribes medonhas, que assinadas por eles, vão para a matéria paga. Ganho pela redação e ganho uns tantos por cento pela publicação (RAMOS, 2004: 40/54).

É importante assinalar que são ocupações que não deixam transparecer a ideologia do personagem, ou, por outra, mostram que Luís da Silva segue regulamentos e escreve o que interessa a seus pagantes; também seu trabalho mostra a ausência de um lugar definido na sociedade, mas salienta a necessidade de estar junto com os donos do poder, para usufruir de benesses. Estamos enfatizando a relação da lógica da forma literária com a lógica social; como representante típico de uma classe, o personagem aparentemente oscila, criticando os poderosos; no entanto, não consegue sair do lugar em que se encontra, pois isso significaria pender para o lado dos trabalhadores, o que horroriza a classe média. Vale ressaltar que Graciliano não apresenta esse quadro como uma deformação do personagem, mas como única possibilidade de sobreviver naquela realidade sendo integrante da classe média.

Utilizando a referência teórica de Candido e Schwarz, que assinalam a imbricação entre forma social e forma literária e afirmam com Lukács e outros que o reflexo estético é necessariamente um recorte da realidade feito por um sujeito a partir de uma posição social, verificamos que Graciliano constrói o protagonista como uma figura-tipo de uma parcela da classe média dos anos 30 do século passado, no Brasil.

Vimos que, por tipo, entendemos o compêndio concentrado daquelas qualidades que – por uma necessidade objetiva– derivam de uma posição concreta determinada na sociedade, sobretudo no processo de produção. [...] a criação de uma destas figuras típicas mesmo quando ela domina toda a obra (como freqüentemente ocorre em Molière), por exemplo. É sempre apenas um meio para chegar ao fim artístico, que é o de representar a função deste tipo na ação recíproca de todos os contratipos que o contradizem como fenômeno típico de uma determinada etapa no desenvolvimento da humanidade (LUKÁCS, 1978: 263/64).

Essa também é a compreensão de Schwarz ao analisar Machado de Assis:

Fica clara, assim, a intenção de sintetizar um tipo representativo da classe dominante brasileira através das relações que lhe são peculiares. Cabe ao enredo concretizá-las por meio de personificações e anedotas convenientes. Daí a presença de uma diversificada galeria de figuras sociais, necessárias para que Brás tenha realidade (SCHWARZ, 1991: 68).

Graciliano compõe um personagem tenso, como tensa é a classe que representa. Luís da Silva tem arroubos de grande escritor, mas só escreve miudezas que são roídas pelos ratos; é um crítico da política estatal, mas se mantém com o que ela lhe oferece. Moralmente, é um conservador que traz entranhada a ideologia patriarcal.

A principal característica do personagem é pensar, elocubrar, a ponto de se tornar completamente alucinado, sem condições de discernir entre realidade e idealização. Isto é feito formalmente através de uma escrita que repete passagens, se refere sempre às mesmas imagens (a figura do rato está em quase todos os capítulos, quase sempre se referindo à capacidade do animal de dar fim às coisas, roendo pedaços de textos, de comida, de roupa de móveis, isto é, sempre destruindo tudo). As pessoas também agem como ratos, os barulhos que fazem são como o desse animal: “cochicho risonho afastava-se, chegava aos ouvidos como chiar de um rato. Chiar de rato, exatamente” (RAMOS, 2004: 71).

Para que o protagonista se mova nesses dois mundos, dois personagens são compostos como imprescindíveis: Marina, mulher jovem, filha de operário, com a sexualidade florescente, querendo, através da única via possível de ascensão, encontrar um casamento vantajoso. Julião Tavares, filho de comerciante, advogado, com posição superior no aparato do Estado. Entre eles, Luís da Silva, que participa ao mesmo tempo dos dois mundos.

Para lidar com a classe baixa usa os recursos adquiridos por sua situação social que já dera resultado para conseguir o emprego: seduz Marina com

carinho e promessa de casamento. Para provar sua intenção, faz gastos. No entanto, os recursos são parcos e a jovem quer mais, endividando o futuro marido. Com Julião Tavares o contato vem dos cafés que frequenta, onde podem estar tanto o burguês como os representantes da classe média. Desde o início do contato entre esses dois personagens, o ódio de Luís da Silva em relação ao outro é explicitado. Não é Marina a razão do ódio, mas a situação de classe do outro que transtorna Luís da Silva.

Outro sujeito inútil que nos apareceu era muito diferente. Gordo, bem vestido, perfumado, tão falador que ficávamos enjoados com as loxotas dele. Não podíamos ser amigos. Em primeiro lugar o homem era bacharel, o que nos distanciava. [...] além disso, Julião Tavares tinha educação diferente da nossa. Vestia casaca, frequentava os bailes da Associação Comercial e era amável em demasia.

[...] Filho de uma puta. Não podia ser nosso amigo. Encontrava-me na rua:

– Como vai, Silva?

– E ali, do outro lado da mesa, as pernas cruzadas, com a intenção de se demorar – sorrisos, patriotismo, a grandeza do poeta morto.

– Comecei a odiar Julião Tavares. Farejava-o, percebia-o de longe, só pelo modo de empurrar a porta e atravessar o corredor.

– Canalha!

– E rangia os dentes, arrumava os papéis tremendo de raiva. Tudo nele era postiço, tudo dos outros (Ramos, 2004: 56-8).

Assim é apresentado Julião Tavares ao leitor. É importante assinalar que nesse momento o rival ainda não conhecia Marina, o ódio do protagonista nada tem a ver com a perda da noiva. Analisar essa passagem e outras que se referem a Julião Tavares é perceber a riqueza de detalhes com que são descritos pelo narrador/protagonista os mínimos aspectos, como modo de sentar, forma de vestir, de falar. Também é bastante frisada a posição de classe de alguém que pode tudo e nada constrói, pois *tudo era postiço, tudo dos outros*.

Há uma passagem em que Luís da Silva expõe claramente o desejo de poder ser como Julião Tavares e as causas de seu ódio, que pode chegar a ter a clareza de que o rival é postiço, mas nem por isso deixa de almejar ser como ele. É interessante como é construída a possibilidade de o protagonista subir na escala social. Só com a possibilidade da loteria, isto é, só com um golpe de sorte é possível a ascensão social.

– 16.384, gemia o cego batendo no cimento.

– Ou seria outro número. Cem contos de réis, dinheiro bastante para a felicidade de Marina. Se eu possuísse aquilo, construiria um bangalô no alto do farol, um bangalô com vista para a lagoa. Sentar-me-ia ali, de volta da repartição, à tarde, como Tavares

& Cia., dr. Gouveia e os outros e contaria histórias à minha mulher, olhando os coqueiros, as canoas dos pescadores.

– 16.384.

– Vestido de pijama, fumando, olharia lá de cima os telhados da cidade, os bondes pequeninos a rodar quase parados e sem rumor, os focos da iluminação pública, os coqueiros negros à noite. Uns quadros a óleo enfeitariam a minha sala. Marina dormiria num colchão de paina. E quando saltasse da cama, pisaria num tapete felpudo que lhe acariciaria os pés descalços.

– 16.384.

– Um tapete fofo, sem dúvida. E a cama teria uma colcha bordada cobrindo o colchão de paina, uma colcha bordada em seis meses (RAMOS, 2004: 88-9).

Não é difícil perceber a riqueza de informações expostas nessa passagem; ela acontece enquanto Luís da Silva pensa sobre a precariedade de sua casa, de seu colchão⁷. Com o grito do cego e a possibilidade de ganhar na loteria, o pensamento se direciona para um novo rumo. Novamente Julião Tavares aparece através da referência a sua firma comercial (“Sentar-me-ia ali, de volta da repartição, à tarde, como Tavares & Cia., dr. Gouveia e os outros”); o desejo é o de pertencimento à outra classe. Todas as metáforas são feitas para mostrar a escalada social do personagem se a sorte o favorecesse: a cidade é vista de cima, os pescadores estão bem longe, paralelamente é construída a imagem da abundância com quadros, colchão e colchas bordadas. Finalmente é reforçada a única possibilidade de se manter nessa posição, a exploração do trabalho (uma colcha bordada em seis meses), isto é, a partir de seis meses do trabalho das bordadeiras. Nessa passagem, o relacionamento das três classes fundamentais da sociedade daquela época está explicitado, com ênfase no papel oscilante da classe intermediária.

A cena é interrompida com marcadores de espaço mostrando a distância entre realidade e desejo; logo em seguida, o contato com a realidade mostra que, com o dinheiro que deu a Marina, quase nada foi comprado para o enxoval.

Novamente é importante destacar que Julião Tavares não está ainda se relacionando com Marina, não é um rival real do protagonista, mas já ocupa suas raivas e seus sonhos. Como foi dito acima, a relação dos personagens com o protagonista é construída para dar forma literária às contradições vividas por uma classe que tem de se submeter aos caprichos dos dominantes; ressalta-se que Luís da Silva nunca enfrenta Julião Tavares, nunca toma satisfação sobre o relacionamento com a noiva, apenas espreita, acompanha de longe.

É interessante ressaltar, ainda sobre a forma literária escolhida pelo autor, que como em *São Bernardo* há uma história a ser contada pelo narrador/protagonista.⁸ Enquanto Paulo Honório é objetivo em sua descrição dos fatos, dando a impressão quase sempre de uma tentativa de relatar os acontecimentos como realmente se deram⁹, Luís da Silva é prolixo, desce a detalhes que por vezes confundem o leitor, pois acabam por presentificar ações passadas. O narrador, na verdade, não conta os fatos, revive-os. Há passagens de puro enfado, com uma compulsividade masturbatória, sem a conclusão do prazer.

O princípio técnico narrativo é falar e não fazer, é criticar todos não se colocando em nenhum lugar, pois o lugar desejado é o de integrante da classe dominante, impossível de ser alcançado.

O sofrimento do narrador/personagem é a consequência de seu lugar social, que o coloca entre duas situações sociais: uma composta de todos os personagens que constituem sua vizinhança e que o fazem se destacar, o que se representa em suas relações com Marina, muito mais jovem, bonita, segundo o noivo, mas que aceita a corte e as “safadezas” com a promessa de casamento. Ao mesmo tempo, há o medo de ser confundido pelos de fora como um deles, por isso não há uma só palavra de afeto e aceitação ou compreensão para nenhum dos vizinhos. Outra em que mantém contato com pessoas importantes, nos cafés, no jornal, na repartição, lhe apresenta um mundo de que só participa pela margem.

No entanto, as cenas da vida cotidiana da vizinhança, com grandes dificuldades, mas também repletas de alegria e prazeres, são observadas e insistentemente repetidas para o leitor: a chegada do marido da vizinha e as eternas noites de amor barulhentas, a algazarra das crianças, os passeios noturnos da empregada de uma das vizinhas, são exemplos de muitos aspectos reiterados em diversas passagens e que acompanham sempre o delírio do narrador após a morte de Julião Tavares.

Marina se enquadra nessa observação do narrador, vizinhos novos que passam a fazer parte do cotidiano sem novidades de Luís da Silva. Primeiro, há uma observação a distância que gradativamente tende à aproximação: o homem maduro, ávido por carinho e a moça despertada pela sexualidade, à espera de um casamento. No início não há nenhuma alusão à formalização das relações; encontram-se pela madrugada fugindo dos cuidados maternos. O protagonista refere-se a ela comparando-a a uma galinha, no entanto, para conseguir o objetivo, vai ter de casar e aí Luís da Silva desce ao patamar dos vizinhos, empobrece, se endivida, coisa que nunca acontecera, gasta as

reservas também ocultadas, mas consegue as carícias de Marina. As relações seguiriam o curso normal se o representante da outra classe, aquela que domina **tudo**, não aparecesse e, como sempre fazia com **tudo**, toma a namorada do funcionário público, que tenta manter um padrão de vida de respeito. Para esse novo personagem Marina não exige casamento, porque as regalias são enormes, a vida que passa a viver dispensa a garantia que para o namorado remediado era exigida.

O desfecho da história é o mais comum de todos: moço rico, namorada pobre, gravidez e abandono. Luís da Silva tem a futura esposa roubada e abandonada, sem mais serventia; a possibilidade de felicidade que antevia é descartada pelo outro como uma coisa qualquer. Marina não poderá ser dele, mas o outro também não a quer mais, já fez o uso necessário, comum à classe dominante, que se utiliza dos trabalhadores e depois os abandona, como ele próprio viu na fazenda do avô, quando a seca e a má administração do pai acabaram com tudo.

Diferentemente de Fabiano com o soldado amarelo, que o deixa partir ensinando-lhe o caminho para sair da caatinga¹⁰, pois percebe que matá-lo não resolveria o problema dos trabalhadores rurais, Luís da Silva, personagem-tipo de outra classe que necessariamente não tem condições de uma consciência plena enquanto classe, mata o desafeto e representante da classe que o oprime, mas da qual deseja fazer parte.

Não grito: habituei-me a falar baixinho na presença dos chefes. [...] então eu não era nada? Não bastavam as humilhações recebidas em público? No relógio oficial, nas ruas, nos cafés, virava-me as costas. Eu era um cachorro, um ninguém.

– É conveniente escrever um artigo, seu Luís?. Eu escrevia. E pronto, nem um muito obrigado. Um Julião Tavares me voltava as costas e me ignorava. Nas relações na repartição, no bonde, eu era um trouxa, um infeliz, amarrado (RAMOS, 2204: 236).

A postura é sempre de um ressentimento individual, que embora explicita as relações de poder entre os dominantes e seus subalternos, não reivindica uma mudança das relações de exploração em geral. Luís da Silva quer apenas ser prestigiado e, se possível, chegar, por algum milagre, ao mesmo patamar dos que o oprimem.

Essa postura explica o tipo de relato não objetivo do livro, pois a morte de Julião Tavares não modifica a situação; as coisas continuam como eram antes, por isso o relato aparece como fato vivido no presente. Essa afirmação, a meu ver, está contida no último trecho do livro:

Acomodavam-se todos. 16.384. Um colchão de paina. Milhares de figurinhas insignificantes. Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras. 16.384. Íamos descansar. Um colchão de paina (RAMOS, 2004: 285).

Junto às recordações da infância, vem a clareza de que só a loteria poderia mudar sua vida. A repetição do número do bilhete, com o qual sonhara mudar de vida tornando-se um dos poderosos, traz à tona o lugar insignificante que ocupa e o desejo de mudar de situação. Mas nada mudou e, dentro da visão ideológica pequeno-burguesa, que não pretende mexer com ninguém, nada mudará.

Notas

¹ Ver MAX O capital (1968), principalmente capítulo 23.

² A primeira universidade mexicana foi criada no início da colonização espanhola.

³ A instituição de concurso público para preenchimento dos cargos no serviço público é uma das marcas dessa racionalidade. Ver Max Weber (1979).

⁴ Essa rede de influência foi representada por Jorge Amado em *São Jorge dos Ilhéus*.

⁵ Votavam somente os que possuíam renda.

⁶ Também em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, é refletida a permanência dessas relações mesmo depois do advento da República.

⁷ Não poderia deixar de assinalar a força simbólica da imagem do colchão, que vai ser retomada em *Vidas Secas* como um elemento desencadeador das ações da família dos retirantes. Ver Magalhães: 2001.

⁸ Como na maioria dos romances de Machado de Assis.

⁹ Está sendo desenvolvido projeto de pesquisa, da autora do artigo, sobre os narradores de Graciliano Ramos, discutindo a relação entre forma de narrar e perspectiva de classe.

¹⁰ Ver Magalhães, 2001.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus*. 50. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, [s.d.].

_____. *Ontologia dell'essere sociale – nuova biblioteca di cultura*. Torino: Editori Riuniti, 1981.

- _____. *Introdução a uma estética marxista*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MAGALHÃES, Belmira. *Vidas Secas: os desejos de sinhá Vitória*. Curitiba: Hdlivros, 2001.
- _____. *Da impossibilidade da festa à festa possível*. Maceió, 1992. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Alagoas.
- _____. *A configuração das classes na revolução de trinta*. Niterói: Departamento de Ciências Sociais da UFF, 1969, mimeo.
- MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelman*. Tradução de Leandro Konder. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- _____. *O Capital*. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 3 v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- _____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- WEBER, Max. *Sociologia Org.* José Albertino Rodrigues. São Paulo: Ática, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *O campo e a cidade* S. Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Resumo: Considerando que a literatura apresenta rupturas e continuidades, propomo-nos uma leitura de *Angústia*, de Graciliano Ramos, que parte da abordagem que Roberto Schwarz faz sobre Machado de Assis – política do favor –, principalmente em relação ao comportamento de uma parcela da população que, não participando diretamente da contradição entre dominantes e dominados (senhores de escravos e escravos), adquire uma importância fundamental quando da dissolução do sistema escravista no Brasil. Na verdade, estamos querendo analisar qual a forma literária que Graciliano Ramos encontra para

Abstract: This paper examines *Angústia*, a novel by Graciliano Ramos based on the assumption that literature presents ruptures and continuities. The starting point is Robert Shwartz's approach to Machado de Assis – the policy of "favour" – mainly in relation to a certain part of the population, that even without a direct participation in the contradiction between the dominant class and the dominated (slave owners and slaves), acquired great importance during the period of the abolition of slavery in Brazil. Our purpose is to analyse the literary form devised by

discutir a ideologia da classe média num país que, devido à sua história colonial, tem em uma forma específica de Estado a única possibilidade de entificação da *persona* do capital, já que a burguesia “nacional” é incapaz de executar essa tarefa sozinha, pois nasce atrelada ao capital internacional. Em *Angústia*, através da relação entre as personagens, Graciliano discute o ideário da pequena burguesia e a exploração do capitalismo, ao mesmo tempo em que enfatiza, através de um aparente caso de amor, a necessidade de compreensão da realidade para buscar formas de intervenção da subjetividade e investiga criticamente a moral social burguesa a partir da visão de uma classe média que se forma dentro do aparato do Estado, portanto, atrelada à lógica do capital. Construindo uma personagem que luta por valores morais oriundos de uma estrutura agrária/patriarcal, cria uma forma de reflexão sobre o fato narrado, como já havia feito em *São Bernardo*, indicando que não está vivendo os fatos, mas refletindo sobre eles. A nosso ver, Graciliano, ao mesmo tempo em que mostra uma continuidade, na história brasileira, de uma subalternidade à lógica dominante, dialeticamente aponta para uma ruptura possível a partir dos acontecimentos dos anos trinta em nossa história.

Palavras-chaves: capitalismo periférico, forma literária, realidade social, Graciliano Ramos.

Graciliano Ramos to discuss the ideology of the middle class in a country that, due to colonial history, has found in a specific form of government the sole possibility of incorporation of the *persona* of the capital. As it is, the “national” bourgeoisie is incapable of realizing this task by itself considering that its origin is bonded to international money. In *Angústia*, through the relationship between the characters, Graciliano discusses the set of ideals of the petit-bourgeoisie as well as the capitalism exploitation. At the same time he emphasizes, by means of a seeming love affair, the need to understand reality in order to find forms of subjectivity intervention. The author also investigates the bourgeoisie social moral from the standpoint of a middle class shaped within the State’s apparatus, therefore connected to the logic of the capital. As he builds a character that fights for moral principles construed in an agrarian/patriarchal structure, he simultaneously creates a form of reflexion about the facts in the narrative, similarly to what he did in *São Bernardo*, indicating that he is not living the facts, but giving them serious consideration. From our point of view, Graciliano discloses, in Brazilian history, the continuation of subordination to a dominant logic while he dialectically points to a rupture made possible after the 1930s.

Key- Words Agrarian/patriarchal capitalism, literature, petit-bourgeoisie, Graciliano Ramos.

Recebido para publicação em 29/04/2005. Aceito em 10/05/2005.